

LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt¹

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom²

Palavras-chave: Letramento digital; Formação continuada; Novas tecnologias; Pandemia.

O início das atividades escolares do ano letivo de 2020 no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) no Câmpus São Miguel do Oeste seguia seu curso normal até 15 de março, quando de forma inesperada, surge uma pandemia que avassala vidas e histórias em nível mundial. Diante desse novo e inesperado desafio, propomo-nos a discutir as perspectivas e possibilidades da inserção do letramento digital nesse contexto.

De repente, a distância entre a China, onde surgiu a doença Covid-19, e o Brasil, tornou-se muito próxima. Neste curto espaço a comunidade escolar do IFSC (servidores (as), estudantes e famílias) tiveram que se adequar a uma nova rotina com a utilização de máscaras, o isolamento social, trabalho remoto e aulas on-line, esses tornaram-se um novo normal. Uma nova realidade, que assim como para o IFSC, foi para mais de 165 países que precisaram fechar suas escolas deixando mais de 1,5 bilhão de alunos e 60,3 milhões de professores afastados de suas rotinas devido à pandemia do Coronavírus.

Diante de uma crise sem precedentes, de proporções globais, o maior impacto sentido por todos (as), diga-se de passagem, foi lidar com o distanciamento social, imprevisibilidade e instabilidade sobre o futuro nas atividades educacionais. Essa conjuntura nos trouxe várias indagações, algumas que ainda seguem sem respostas, mas que nos desafiamos a tencioná-las. O que essa pandemia nos ensina quando falamos da escola, dos processos de ensinar e aprender? Como os professores e estudantes estão se apropriando das tecnologias para viabilizar o processo de ensinar e aprender? Quais as transformações serão necessárias, no pós-pandemia, para que a educação não retorne ao modelo tradicional: quadro, giz, slides? Qual a importância

¹ IFSC. adrianarschmitt@gmail.com

² IFSC jacinta.marcom@gmail.com

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

do letramento digital, para professores (as) e alunos (as), como forma de aproximação dialógica de duas culturas digitais, que hora se encontram distantes no tempo e no espaço?

Num olhar raso poderíamos dizer que todos (as) se acostumaram à situação imposta. Mas de acordo com um levantamento do Instituto Península, o número de professores (as) que estão se sentindo cansados (as), estressados (as) e sobrecarregados (as) durante a pandemia tem aumentado significativamente. Os dados indicam que entre maio e agosto de 2020, o percentual de profissionais que se disseram sobrecarregados saltou de 35% para 53%. Esse índice nos aponta um grande problema, que na atualidade se acentuou e colocou em xeque um sistema educacional ultrapassado tecnologicamente, com uma parca fluência digital e precarizada em relação ao investimento em políticas públicas e de valorização docente.

Neste relato de experiência trazemos à tona alguns elementos importantes que essa realidade nos apresenta, por isso mesmo, esse momento é muito propício para o debate, confrontando que, na era da internet 2.0, da cibercultura, estamos nós [da educação] há anos luz de atraso frente aos avanços tecnológicos. Diante disso, muitos ainda se perguntam o que é, e qual a importância do letramento digital, como ele acontece, e qual a contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, tanto para professores (as) como para estudantes.

Para elucidar essa questão, recorremos a Aquino (2003, *apud* Glotz e Araújo), que referencia ser letrado digital significa “[...] ter o domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias. Um indivíduo [...] precisa também ter capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através dos sistemas computacionais”.

Freitas (2010, p. 6) discorre sobre a diferença entre alfabetização tradicional [decodificação de signos linguísticos], alfabetização digital [decodificação de símbolos digitais] e letramento digital. Para a autora, a alfabetização tradicional e digital é um processo finito porque interrompe-se após o domínio dos conceitos básicos, eles precedem o letramento digital, este que é um processo contínuo e plural. É importante destacar que pode haver alfabetização digital sem que haja alfabetização dos códigos escritos, eles são processos independentes. “Vê-se crianças intuitivamente utilizando recursos tecnológicos sem saber ler ou escrever” (FREITAS, 2010, p. 06). Contudo Freitas (2010) complementa a discussão afirmando que tanto

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

o letramento digital como o tradicional são a continuação dos processos de alfabetização. Eles são infinitos e quanto mais alfabetizados (as) os (as) usuários (as) das tecnologias, mais fluentes serão suas habilidades e sua aplicação, sendo uma formação ao longo da vida.

Freitas (2010, p. 7-8) destaca ainda que uma pessoa pode ser culta e letrada no sentido tradicional e ser inculta e iletrada digitalmente, ainda que alfabetizada, isso porque existem múltiplos letramentos, e dentro de cada contexto as pessoas dominam determinados gêneros, com os quais mais tem afinidades. Visando abreviar o tema a autora cita Viana & Bertochi (2009) que elencam cinco momentos contínuos pelos quais os (as) professores (as) e estudantes podem apropriar-se dos conhecimentos necessários para serem considerados (as) letrados (as) digitais. Inicialmente, as fases um e dois são consideradas da alfabetização e familiarização dos aspectos técnicos e de gestão (exposição e adoção), nas fases três e quatro ocorre o desenvolvimento do letramento quando as tecnologias já estão integradas às práticas em sala (adaptação e apropriação) e por último a quinta fase que completa o letramento a (inovação), nesta fase o professor é capaz de utilizar-se das tecnologias para criar, inovar, ousar, para propósitos específicos de maximização do processo ensino e aprendizagem.

Destacamos que o letramento digital é bem mais do que apenas saber interagir com um computador, uma inovação ou uma tecnologia, e trazê-la para dentro da sala de aula. O letramento digital requer que o profissional esteja aberto para as interconexões e as inteligências coletivas e colaborativas, de forma que a educação se ajuste ao ritmo da modernidade. É importante explicitar que devem existir espaços (e são urgentes) para que os (as) educadores (as) possam vivenciar experiências de letramento digital para além da familiarização com as novas tecnologias, partindo da alfabetização ao letramento digital.

É importante pontuar que os (as) estudantes precisam conhecer as tecnologias e desenvolver a ambiência tecnológica que a sociedade exige para as atividades sociais e no mundo de trabalho. Contudo, isso só vai ser possível se o (a) professor (a) também puder experienciar esse mundo para depois proporcionar essas vivências aos seus (as) alunos (as), sendo um (a) mediador (a) e problematizador (a) do conhecimento, capaz de apropriar-se dos meios tecnológicos e instigar seus usos para a compreensão dos temas curriculares.

Ouvimos dizer com frequência que nossos (as) estudantes são nativos digitais, pertencem à geração alpha e dominam as tecnologias, contudo nos parece pertinente questionar: serão

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

nossos adolescentes e jovens letrados digitais? Que uso fazem eles dos recursos tecnológicos? Eles conseguem transformar as informações disponibilizadas na rede em conhecimento? Dão conta da complexidade comunicativa que se estabeleceu através dos inúmeros posts e hiperlinks para produzir conhecimentos?

A pandemia acentua as dúvidas desses estudantes, e reflete bem a importância das tecnologias no atual contexto. Além disso deixa nas entrelinhas as possibilidades de reflexão acerca das dificuldades encontradas, tanto pelos (as) docentes (as) quanto pelos (as) estudantes (as), no domínio das informações e da produção do conhecimento vivo e operando. Se pararmos para ouvi-los (as) perceberemos que o letramento digital está longe de acontecer. Esses estudantes e professores se veem frente as redes sociais que dispersam, despertam a ansiedade, apresentam informações fluidas e rápidas, estes são desafios ainda maiores para aqueles que não dominam nem mesmo as tecnologias voltadas aos sistemas de aprendizagem utilizados pela instituição.

Vimos de um modelo de educação proibitiva e disciplinar, o que Sibilía (2012, p. 181) descreve como “a escola que vigia” onde os alunos vivem fundidos com diversos dispositivos eletrônicos e digitais, e a escola continua obstinada e arraigada em seus métodos e linguagens analógicas, a autora sugere que talvez isso explique o porquê os dois já não se entendem e as coisas não funcionem como se esperaria. Sibilía (2012) refere-se a um ensino que reprimia o uso das ferramentas tecnológicas dentro das salas de aula, como o uso do celular, e que agora depara-se com uma pandemia que exige um letramento digital tanto dos (as) professores quanto dos (as) alunos (as) para acessar o conhecimento que está na rede, e utilizá-la como estratégias para superar os desafios impostos pelo afastamento social. Lévy (2003), ainda sugere que as ferramentas digitais mudaram os hábitos das pessoas e com isso alteram a forma como processam a informação, como pensam, se relacionam e aprendem, daí a importância em, não proibir, mas oportunizar o letramento digital dos (as) estudantes.

O sociólogo Castells corrobora ainda dizendo que: essa dicotomia vai continuar até que se faça uma reforma educacional profunda, porque o modelo vigente caracteriza-se pelo mesmo modelo de ensinar utilizado na idade média. Ele diz que o abandono escolar não acontece porque os alunos não têm interesse de aprender, mas porque não veem sentido no que é ensinado na classe. Nesse sentido, destacamos que a recombinação é a base da criatividade e, por isso,

Programas organizadores



III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

memorizar não perde a sua eficiência diante do apreço pelo avanço tecnológico, mas a capacidade de criação torna-se essencial para adequar-se às situações que se impõe à vida de cada um, na era da cibercultura.

Nestes termos, faz-se pertinente refletirmos sobre as palavras de Moran (2000, p. 137) “Educar é colaborar para que professores e alunos — nas escolas e organizações — transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem... Uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem acontece quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais [...]”. É importante que a educação abrace as metas da escola contemporânea, e promova uma prática dialógica com a sociedade e as tecnologias.

Referências

CASTELLS, Manuel. **Escola e internet: o mundo da aprendizagem dos jovens**. Fronteira do pensamento. Entrevista no YouTube. o:28s-0:33s. Disponível em: <https://youtu.be/J4UUM2E_yFo>. Acesso em: 22 out 2020.

GLOTZ, Raquel Elza Oliveira; ARAÚJO, Verônica Danieli Lima. **O letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais**. *Revista Paidéi@ - Revista Científica de Educação a Distância*. Disponível em: <<https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/article/view/85>>. Acesso em: 22 out 2020.

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores**. *Educação em Revista*. Educ. rev. vol.26 no.3 Belo Horizonte Dec. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000300017&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 de out 2020.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação



LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. **Revista Informática na Educação: Teoria & Prática**. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre, v. 3, n.1, UFRGS, p. 137-144, set. 2000.

NUNES, Cláudia Elisa de. **As Tecnologias de Informação e Comunicação e a aprendizagem de educadores no devir da complexidade**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestrado - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Programas organizadores

